

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

S. WILGEFORTIS V. M.



TEATRO CARLOS ALBERTO
14—23 MAR 2024

A Farsa de Inês Pereira

a partir de
Gil Vicente

texto e encenação

Pedro Penim



qui+sáb—19:00
sex—15:00+21:00

cenografia e adereços
Joana Sousa

figurinos
Béhen

desenho de luz
Daniel Worm d'Assumpção

desenho de som e
sonoplastia
Miguel Lucas Mendes

vídeo
Jorge Jácome

assistência de encenação
Joana Brito Silva
Pedro Baptista

ponto
Lidia Muñoz

produção executiva
Pedro Pestana

interpretação
Ana Tang, Bernardo de
Lacerda, David Costa,
Hugo van der Ding,
João Abreu, Rita Blanco,
Sandro Feliciano

produção
Teatro Nacional D. Maria II

13 Out 2023
Centro Cultural Olga
Cadaval (Sintra)

dur. aprox. 1:40
M/14 anos

Conversa
com a Mónica
14 MAR

Língua Gestual
Portuguesa +
Audiodescrição
16 MAR

“Um espaço de desaceleração”

Excertos de conversa com PEDRO PENIM*

A questão inicial partia da ideia de alguma reparação histórica: como é que esta história pode ser respeitada, mas ainda assim reparada, partindo do sofrimento histórico perante as estruturas hegemónicas e de como existem franjas importantes da população que foram martirizadas por esse poder principal. Não quis tirar a Inês desse lugar de revolta que já está na peça do Gil Vicente. Ela é uma personagem revoltada com o seu tempo, a sua condição e até com a forma como se consegue expressar. Mas na minha versão encontra um espaço íntimo: o seu quarto, a sua cama, um espaço de liberdade que lhe permite sonhar com outra realidade e outro futuro. E esse gesto põe a Inês numa posição ativista, mas um ativismo que subverte a ideia imediata do que é ser ativista. Ela encontra um caminho para concretizar essa revolta e foi surpreendente usá-lo como tema principal: a passividade enquanto formato possível de luta.

A Inês de Gil Vicente é relativamente mais simples, quer casar para poder sair de casa e deixar de trabalhar. A minha Inês também quer, mas eu coloco-a numa dimensão mais *punk*, destruidora e até autodestrutiva. Esta dimensão relaciona-se com a pesquisa sobre gerações abaixo da minha, os *millennials*, a geração Z, e esta peça é também um retrato geracional, como as duas anteriores – *Pais & Filhos* e *Casa Portuguesa* – com as quais se relaciona. Faz-me sentido que componham um corpo, intimamente relacionado com a exposição dos abismos intergeracionais.

A personagem interpretada pela Rita Blanco recebe o mesmo tratamento que a Inês. Há uma tentativa de colocá-la também num sítio de revolta – contra as instituições –, mas na perspectiva do trabalho, de sair para a rua, uma forma mais clássica de luta e ativismo. Estas novas dimensões humanizam as personagens, o que faz com que a peça tenha os pés bem assentes em 2023 e um discurso claramente contemporâneo.

Há algo que me interessa, no teatro e em tudo o que me proponho fazer – a ideia de *nuance*, aprendida sobretudo a ver os filmes

do Cassavetes: complexificar as situações para humanizar as personagens, afastando-as da unidimensionalidade, permitindo-lhes expor ideias difíceis de julgar, até do ponto de vista ético. Quando se fala da abolição da família ou do trabalho, há questões éticas e práticas que entram em linha de conta, e estas personagens são colocadas nesse sítio mais nebuloso em que a própria convicção oscila. A Inês está muito ciente da falta de aplicabilidade do que propõe, mas não deixa de jogar com esse facto e de torná-lo muitas vezes uma questão lúdica, outras vezes destrutiva ou até autodestrutiva. Trata-se de procurar nessa ideia de *nuance* uma forma de existência. A tendência do mundo contemporâneo é a polarização e hoje há uma necessidade infinita de identificação clara das posições políticas de cada um. Mas, num espaço íntimo, sabemos que essa ideia é falsa e que muitas vezes a nossa convicção oscila. Deixamo-nos levar pelo ócio, não estamos sempre focados numa única fonte de energia relacionada com a luta, o rigor ou o profissionalismo. Há aqui uma abertura que a Inês encontra para o que chamaria um espaço de desaceleração, de falta de produtividade, com o propósito de contrariar as estruturas produtivas que nos empurram no sentido do autoaperfeiçoamento, da melhoria da performance, da evolução rumo ao ganho.

As questões mercantilistas do século XVI estão distantes daquilo que vivemos hoje, mas, até como questão estética e poética, interessava-me manter a possibilidade anacrónica de a peça se passar no século XVI e ser “tipo Gil Vicente”, criando uma reação ora de distanciação, ora de aproximação à personagem de Inês, porque ela admite que não é no seu tempo de vida que poderá experienciar o mundo que idealiza, transportando essa ideia para 500 anos depois. A Inês entra no campo da ficção científica, mas devolve-nos, a nós que estamos em 2023, a responsabilidade de sabermos que, se calhar, ainda estamos nesse mesmo sítio onde a relação com as estruturas de poder se continua a agudizar.

* “Fazer clássicos, para mim, é fazer aquilo que eu fiz com *A Farsa de Inês Pereira*”, conversa com Maria João Guardão, realizada a 23 de novembro de 2023, publicada originalmente no programa de sala de Odisseia Nacional jan-mar 2024, do Teatro Nacional D. Maria II.

produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do
diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação
João Pedro Soares

vídeo
Hugo Moutinho

Edição
Teatro Nacional
São João
coordenação
Fátima Castro Silva

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
Filipe Ferreira

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis
e outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para os intérpretes
como para os espectadores.

Rejeito o jugo da labuta, e da tarefa, e do afazer!

APOIOS À DIVULGAÇÃO



COMBOIOS DE PORTUGAL



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo



O TNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO